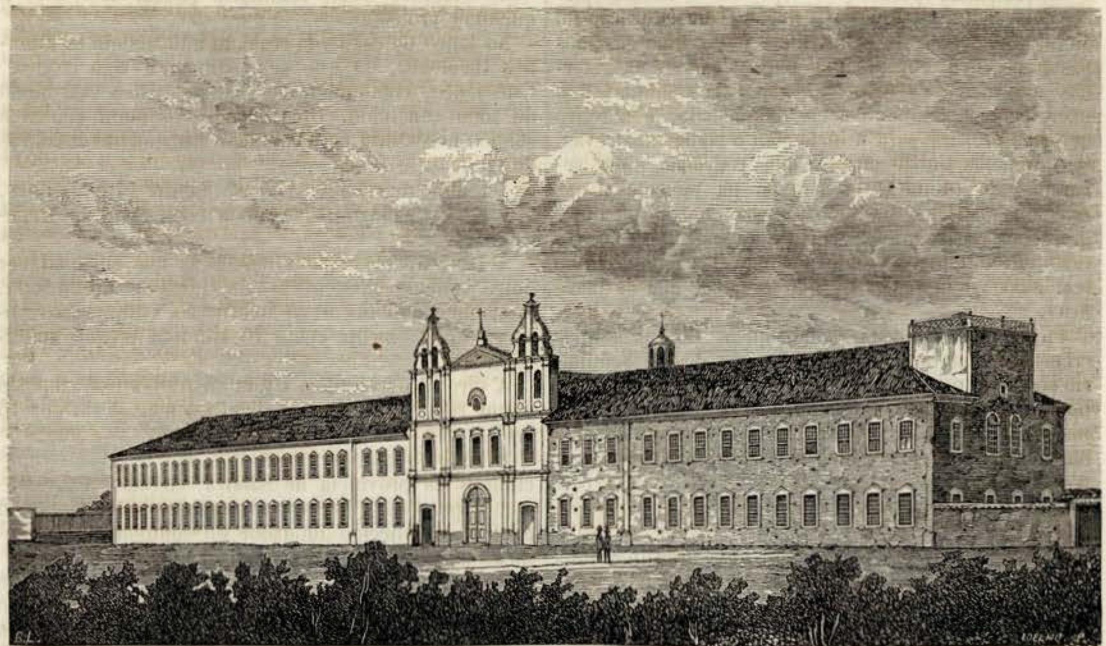
BRASIL



Seminario Episcopal da cidade de S. Paulo

Em um dos arrabaldes da cidade de S. Paulo, capital da provincia do mesmo nome, no Brasil, existe o edificio cuja gravura illustra a primeira pagina d'este num. É o Seminario Episcopal, fundado pelo ultimo bispo fallecido na diocese, D. Antonio Joaquim de Mello.

A pequena distancia da cidade existe o vasto campo denominado da Luz, onde se ergue este edificio.

A situação é a mais propicia e lisongeira que se poderia desejar. Longe do bulicio da cidade, reina alli o socego e a paz que deve haver na casa d'aquelles que se destinam ao serviço do Senhor, e que illustram o espirito no estudo das sciencias.

É bello o panorama que n'este campo se descortina aos olhos: a natureza e a arte, Deus e o homem, tem feito n'essa téla uma brilhante pintura.

Ahi o ar fino e puro reanima e aviventa aos que o aspiram. É por isso que a população de S. Paulo se espalha por esse campo alegre e feliz, quando nos dias de verão a atmosphera abafa as ruas da cidade, ou quando, em noites de luar, a bella rainha dos astros manda os suaves raios da sua luz a mimosearem a terra.

Ha n'estas paragens um não sei quê de indefinivel que não se descreve, mas sente-se. É um riso eterno de alegria em que a natureza se expande? É um raio de luz mais vivo que se desprende do sol? É o ar embalsamado pela flor dos laranjaes? É um ceo que se enfeita sempre com vestes de purpura, neve e oiro? É talvez tudo isto, mas não se discrimina.

São estes os traços que alli vemos da mão omnipotente do Creador.

A mão do homem manifesta-se nos custosos edificios, nas chacaras de gosto caprichoso que ahi começam a levantar-se, e que vão dando ao bairro a qualificação de «aristocrata». Revela-se na rua pittoresca que córta o campo pelo meio, sombreada por figueiraes plantados de lado a lado: revela-se no jardim ou passeio-publico que fica fronteiro ao edificio do seminario, erguendo ao ar as suas altas casuarinas, que gemem queixas eternas aos beijos da viração.

Ao fundo da gravura, na mesma linha do seminario, desenhando o perfil do seu modesto campanario sobre as montanhas, avista-se o recolhimento das freiras de Nossa Senhora da Luz, que dá o nome a esses sitios, e espalha por elles o perfume da religião.

No meio de tantas galas e bellezas apparece um terrivel contraste: ha n'esse campo, cujos pontos principaes acabâmos de descrever, um edificio sobre que os olhos cáem e o coração se contrista — é a Penitenciaria, que fica pela mesma linha do jardim publico, e quasi em frente do convento da Luz. Ao vêl-a solitaria, com os altos muros que a cingem como uma coroa de espinhos; com seu portão de ferro, que roda a custo sobre os gonzos; com o ar saturado da melancolia que em torno se diffunde, vem ao espirito a lembrança dos gemidos abafados dentro d'esses muros. É um symbolo de infinita tristeza no meio de uma campina de tanta alegria; é um fantasma que se ergue medonho, assombreando um quadro de tão risonha paizagem; é uma lagrima revelando dores n'um rosto que se expande em risos; é uma nuvem negra, signal de tormenta, manchando um ceo azul, limpido e puro!

Esboçada assim a situação e visinhanças do Seminario, voltemos a elle. Não tem ainda longa historia, pois que apenas ha sete annos se abriu. Por isso será breve esta noticia.

A construcção do edificio é singela e sem pompa: retrata assim a alma e o coração do seu fundador.

Os entendidos negar-lhe-hão talvez boa architectura, apontarão erros, alguns dos quaes tem sido já corrigidos. Embora; é um monumento util. Seu funda-

dor não era architecto que primasse em construcções de pedra e cal; era homem que queria erguer um edificio mais duradoiro. Fugindo ás regras architectonicas, symbolisa entretanto este edificio uma grande idéa, um grande pensamento, que dominou o seu fundador desde que empunhou o baculo episcopal. A educação do povo depende da educação do clero, a educação do clero, disse elle n'uma das suas pastoraes «é a oração, a meditação das verdades eternas que nos são reveladas nos livros santos; é o exercicio constante de actos de piedade; é o retiro que nos prepara para a lucta com o poder das trevas. Os Prophetas tinhão suas escholas retiradas, onde, separados do tumulto, preparavão na piedade e nas sciencias os seus discipulos. Seria querer um milagre achar vocação, achar gosto e inclinações ecclesiasticas em um moço criado no meio das paixões, que tem sido victima d'ellas, que as ama, que as justifica».

Firme n'estas idéas, como quem tem profundas crenças, emprehendeu a construcção de um seminario diocesano. Faltavam-lhe os meios pecuniarios; não importa. Calça as sandalias do peregrino, arrima-se ao bordão do viajeiro, põe ao hombro a sacola do mendicante, e de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, de porta em porta, eil-o vae levando pela diocese a palavra do Senhor, e pedindo o obolo com que havia de erguer o seminario.

Os espinhos e urzes do caminho rasgárão-lhe muita vez as plantas; a carga de 62 annos, com o triste cortejo de achaques e molestias, vergou-lhe o bordão de peregrino; mas as feridas cicatrizaram-se, o bordão não quebrou; e o novo apostolo foi perseverante na missão que levava, porque, quando Deus diz ao homem *vae*, não ha altura de serras, não ha torrente de rios, não ha furia de tempestades, nem rigor de intemperies que lhe atalhe o passo; porque se Deus escolhe ás vezes o corpo tropego de um velho, ou o de uma criança vacillante em seus passos, para n'elle encarnar a sua vontade, despe-o então das fraquezas do homem para atear uma centelha do poder divino, do poder infinito, do poder que domina as dores e tormentos, que dá vigor aos martyres para morrerem proferindo palavras ungidas de fé, amor e caridade christã; coragem ás virgens para não tremerem diante das fauces ensaguentadas das feras, para confundir os potentados da terra, fazendo-lhes ver que cada gota de sangue de um martyr produz centenares de crentes.

A obra, para S. Paulo gigantesca, que ahi se vê estampada, devia parecer impossivel para quem não contava com auxilio dos cofres publicos, nem os aceitava, quando lhe eram offerecidos. Pois ella ahi está erguida, com uma fachada de mais de 400 palmos, e vastos aposentos, perpetuando na diocese o nome do seu fundador, D. Antonio Joaquim de Mello.

Uma somma superior a cento e cincoenta contos ahi se tem gasto, proveniente só de esmolas dos diocesanos paulistas e mineiros, colhidas em quatro annos de peregrinações do prelado.

O edificio, cuja frente olha para o poente, é dividido com dois lanços, um á direita, outro á esquerda da capella. Esta é de um gosto simples e modesto, sem ornatos de pompa, e por isso mesmo convida o espirito á meditação, mais respeito incute aos novos levitas prostrados aos pés do altar, alumiado pela luz do ceo, coada pelos vidros do zimborio que na gravura se avista, ou pela luz mortiça de uma lampada suspensa na capella-mór. O orago do seminario é S. Ignacio de Loyola.

Os alicerces do edificio forão alinhados e abertos pela propria direcção do seu fundador, em setembro de 1853, e em 9 de novembro de 1856 abriu-se o seminario com festa solemne e pomposa, achando-se prompto o lanço da direita para receber alumnos. N'esse lanço residem os seminaristas que estudam os preparatorios e as sciencias, isto é, philosophia, mathematica, physica, astronomia, historia, geographia, latim, francez, inglez e grammatica portugueza. Os alumnos d'este seminario podem dedicar-se a qualquer profissão.

No lanço da esquerda residem unicamente os alumnos theologos, ou que se destinam á vida clerical. Este lanço, com quanto já habitado, não está ainda de todo concluido. Orça-se em cincoenta contos a somma necessaria para completo acabamento das obras do edificio.

Actualmente existem no seminario 170 alumnos, sendo 27 theologos e os mais estudantes de preparatorios.

A mensalidade é mais moderada que em qualquer outro collegio existente n'esta cidade, é de 24$000. O seminario tambem dá instrucção gratuita aos pobres, e actualmente conta 15 alumnos n'essas condições.

A direcção scientifica e administrativa está confiada a um reitor, que é coajudado no magisterio por 10 professores.

O reitor e alguns professores são religiosos capuchinhos da provincia de Saboya, enviados expressamente para esse fim pelo santissimo padre Pio IX, a pedido do fallecido fundador do seminario. São homens de incontestavel instrucção.

Na extremidade do lanço esquerdo do edificio ha um pequeno terraço que serve de observatorio; ahi tem feito o professor de physica experiencias com a luz electrica, projectando-a sobre a cidade; e tambem se tem feito observações astronomicas com um excellente telescópio de $7^m,38$ de comprimento.

Será, porém, conveniente a direcção moral e religiosa que n'este seminario se dá aos alumnos?

Tem sido o ensino dirigido com criterio, prégando-se o verdadeiro sentimento da religião, sem os excessos do fanatismo?

Preparão-se ahi as almas com os verdadeiros dotes moraes, ou estragam-n'as, abrindo-lhes ulceras com o veneno da hypocrisia e da dissimulação?

Tolera a sciencia, admittem os interesses do estado, que a educação religiosa e secular esteja, como ahi acontece, completamente independente da vigilancia e fiscalisação civil?

Deve o poder temporal parar diante das portas d'esse edificio, como diante de muralhas de bronze onde não póde penetrar para ver se o espirito da mocidade vae desnorteado?

São questões estas que a imprensa do meu paiz tem discutido, e sobre que tem chamado a attenção do governo. Aqui não é o logar proprio de elucidal-as.

S. Paulo, setembro de 1863.

CLEMENTE FALCÃO DE SOUSA FILHO

FERNÃO DE MAGALHÃES

(Vid. pag. 263)

V

Foi-se Fernão de Magalhães a Castella, levando em sua companhia a Ruy Faleiro, perito cosmographo portuguez, e a outros navegantes da mesma nação, os quaes iam dispostos a seguil-o na sua boa ou má fortuna. Já então lhe era inabalavel convicção a de que seria possivel encontrar a desejada passagem para a India Oriental, navegando ao sul do Novo Mundo. O plano predilecto de Colombo achou em Fernão de Magalhães um devotado continuador.

Avistou-se em Sevilha o portuguez, já então desnaturalisado de sua patria, com os officiaes da contratação, e lhes propoz o intento que levava. Passando depois á corte, o acolheu benignamente o ministro cardeal D. Fr. Francisco Ximenes de Cisneros, que tanto se empenhava pelo engrandecimento e poderio da coroa castelhana, e que desejou acrescentar os dominios hespanhoes, como bem o demonstrou na jornada de Oran que elle proprio dirigíra, vestindo o arnez sobre a purpura romana. Prometteu o cardeal a Magalhães que á volta do imperador, que então andava em Flandres, lhe seria despachada a sua justa petição.

Oiçamos o singelo historiador Gaspar Corrêa, narrando com sua nativa sinceridade os successos de Magalhães.

«... Fernão de Magalhães se foi a Castella ao porto de Sevilha, onde se casou com a filha de um homem principal, com tenção de navegar pelo mar, porque entendia muito da arte de piloto, que era *esperico* [1]. Em Sevilha tinha o imperador a casa da contratação com seus regedores da fazenda, com muitos poderes e grande tráfego de navegação e armadas para fóra. Fernando de Magalhães atrevido em seu saber com a muita vontade que tinha de anojar el-rei de Portugal, fallou com os regedores da casa da contratação e lhes disse: que Malaca e Moluco, ilhas em que nascia o cravo, eram do imperador pelas demarcações que havia d'entre ambos; pelo que el-rei de Portugal contra direito possuia estas terras; e que isto elle o faria certo ante todos os doutores que o contradissessem, e a isso obrigaria a cabeça. Ao que os regedores lhe responderam que bem sabiam que elle fallava verdade, e o imperador assim o sabia, mas que o imperador não tinha navegação para lá, porque não podia navegar pelo mar da demarcação del-rei de Portugal. Fernão de Magalhães lhes disse: «Se me derdes navios e gente, eu mostrarei navegação para lá sem tocar em nenhum mar nem terra del-rei de Portugal». E senão que lhe cortassem a cabeça. Do que os regedores muito contentes o escreveram ao imperador, que lhes respondeu, que havia prazer com o dito e muito mais haveria com o feito; que elles tudo fizessem, guardando seu serviço e as coisas del-rei de Portugal, que não fossem tocadas, e que antes tudo se perdesse. Com a qual resposta do imperador fallaram com o Magalhães e com elle muito se affirmaram no que dizia, que navegaria e mostraria o caminho por fóra dos mares del-rei de Portugal; que lhe dessem os navios que pedisse, gente, artilheria e o necessario, que elle cumpriria o que dizia e descobriria novas terras que estavam na demarcação do imperador d'onde traria oiro, cravo, canella e outras riquezas; o que ouvido pelos regedores, com grande desejo de fazer tamanho serviço ao imperador, como era descobrir esta navegação, e por fazerem esta coisa mais certa, ajuntaram pilotos e *espericos*, que sobre o caso disputaram com o Magalhães, que a todos deu suas razões, que concederam no que dizia e affirmaram que era homem mui sabido. [2]

Chegando a Hespanha Carlos V, se foi Magalhães á cidade de Burgos, onde estava então o Cesar, e perante a sua presença proseguiu nas diligencias da sua empreza. Opiniou favoravelmente o conselho de Castella sobre a proposta do navegante portuguez. Acceadeu a final o imperador, e fazendo a Magalhães a mercê do habito de Santiago e nomeando-o capitão de suas frotas, ordenou que em Sevilha se lhe fizessem prestes cinco caravellas, com que havia de partir em sua projectada expedição.

Mediando os concertos entre Magalhães e o imperador, succedêra enlouquecer o cosmographo Faleiro, que até então fôra socio de Fernão, com o que teve Magalhães de se embarcar sem o companheiro, tomando á sua conta exclusiva os futuros cuidados d'aquella empreza.

Designado Fernão de Magalhães por capitão-mór da expedição entrou a governar a *Trinidad*, que ia por capitania. A segunda caravella *Santo Antonio* capitaneava João de Cartagena. A terceira, por nome *Concepcion*, mandava Gaspar de Quesada, e fazia n'ella o officio de piloto o celebrado Elcano, que mais particularmente partilhou com Magalhães as glorias d'esta longa navegação e descobrimento. A quarta, cuja invocação era *Victoria*, commandava Luiz de Mendonça. Na caravella *Santiago* embarcou de capitão João Serrano, que era ao mesmo tempo piloto-mór de toda a frota. Tripulavam ao todo as cinco embarcações, duzentos e trinta e sete homens, que não seriam hoje sufficientes para guarnecer um só navio que se destinasse a tão diuturna e aventurosa navegação, como aquella que iam então emprehender».

Sigâmos a narração de Gaspar Corrêa, descrevendo as vistas de Magalhães com o imperador, e os aprestos da pequena armada:

«... Fernão de Magalhães foi a Burgos, onde estava o imperador e lhe beijou a mão, e o imperador lhe deu mil cruzados de acostamento para gasto de sua mulher em quanto fosse sua viagem, assentado na vassallagem de Sevilha, e lhe deu poder de baraço e cutello em toda a pessoa que fosse na armada de que seria capitão-mór; do que lhe assignou grandes poderes; com que tornado a Sevilha, lhe foram concertados cinco navios pequenos como elle pediu, concertados e armados como elle quiz, com quatrocentos homens de armas, em que lhe carregaram as mercadorias que elle pediu. Os regedores lhe disseram que elle désse as capitanias, de que elle se escusou dizendo que era novo na terra, que não conhecia os homens; que elles os buscassem que fossem bons e fieis ao serviço do imperador, que folgassem por seu serviço de levar trabalhos e má vida que haviam de passar na viagem. O que os regedores lhe tiveram a bem e bom aviso e que aos capitães que fizessem e gentes que levasse primeiro lhes noticiassem os poderes que levava do imperador. O que assim fizeram e em Sevilha buscaram homens de confiança para capitães, que foram João da Cartagena, Luiz de Mendonça, João Serrano e Pero de Quesada». [1]

Esta narração de Gaspar Corrêa discorda apenas do que referem os outros historiadores em dizer que Magalhães levava em sua frota quatrocentos homens, e chamar Pero de Quesada ao que outros escrevem com o nome de Gaspar, que elle proprio depois no decurso da narração lhe restitue.

Largou de Sevilha a armada em 1 de agosto de 1519, e aos 27 de setembro desaferrou do porto de San Lúcar, aproando ao rumo das Canarias. Tomando terra em Tenerife para refrescar e aperceber-se de vitualhas, passando na volta de Cabo-Verde e indireitando para a America, surgiram na bahia de Santa Luzia, d'onde saíram a 27 de dezembro. Chegando ao rio da Prata, foi a nau *Santiago* pelo rio acima até 25 legoas de sua foz, e veiu trazendo nova de que o rio se alargava para o norte. Foram seguindo a costa para o sul, e aos 42° e 30' de latitude austral, entraram n'uma grande bahia, a que pozeram nome de S. Mathias, e suspeitando que por alli podesse haver passagem para o mar do sul, a andaram buscando n'aquellas aguas, por umas cincoenta legoas de navegação, sem a poderem descobrir. D'alli se foram, sempre costeando, até surgir na bahia de S. Julião.

Tomada lingua com a gente da terra, que eram os

[1] O mesmo que *spherico*, homem sabedor da *sphera*, ou das coisas da cosmographia.
[2] Gaspar Corrêa. *Lendas da India* t. II part. II pag. 626.

[1] Gaspar Corrêa. *Lendas da India*. tom. II, part. II, pag. 627.

celebrados patagões, de quem se phantasiavam tantas fabulas, e captivos alguns d'elles, entraram os capitães de tres das caravellas em aberta insurreição contra Magalhães. Por salvar sua auctoridade e segurar a continuação da empreza, os mandou elle punir de pena capital, depois que já não eram bastantes a reprimil-os o conselho e persuasão, com o que vieram a cessar as alterações que havia na frota e a prevalecerem os designios de Magalhães, o qual invernou n'aquellas paragens, *em que* (como diz Gaspar Corrêa) *espalmou* e *concertou muito bem os navios*.

(Continúa) J. M. Latino Coelho.

CHRONICAS DO POVO

IV

O APRENDIZ

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Vid. pag. 258)

IV

Passaram-se muitos mezes sem que houvesse mudança alguma na situação dos dois irmãos. O mais velho, como já dissemos, fôra admittido na fabrica do sr. Karlmam, e posto que mostrasse pouco zelo, não merecêra ainda nenhuma reprehensão. Em quanto a Frederico, n'esse cada vez se desenvolviam mais as qualidades por que se recommendára aos olhos do seu director. A sua intelligencia, accrescentada pela instrucção que adquirira á força de perseverança, collocava-o acima de todos os aprendizes da sua edade, e a attenção conscienciosa com que desempenhava qualquer tarefa que lhe incumbiam, tornava-o quasi tão util como um homem. Empregado como *pincelador* nas immensas officinas do sr. Karlmam, que comprehendiam o fabrico do algodão, desde a fiação até á estampagem, tinha admirado muitas vezes as chapas de madeira gravadas, por meio das quaes os pannos de algodão se transformavam em elegantes chitas; esta observação chegára a transformar-se em motivo de um ardente desejo e de uma vaga esperança. Ser admittido na officina de gravura para aprender a fazer as estampas, veiu a ser em pouco tempo o sonho de todas as suas horas. Sem querer ainda determinar bem os seus projectos, aprazia-se com a lembrança de que poderia um dia trocar a sua posição pela de gravador, porque elle tinha aquella louvavel ambição que faz desejarem os moços elevar-se pela sua coragem e pela sua industria. Pensou primeiro em obter do seu director licença para tirar algumas horas ao trabalho, a fim de aprender o officio que desejava, mas assustou-o a idéa de solicitar similhante favor. A sua experiencia tambem o tinha convencido de que tudo é possivel com uma vontade firme. Resolveu pois ir á officina de gravura nas horas de descanço, indo assim exercitando-se á calada.

Um aprendiz, a quem elle confiára o seu segredo, indicou-lhe os meios necessarios áquella profissão, e ao cabo de algum tempo, Frederico estava em estado de gravar um desenho que não fosse muito complicado.

Continuou assim por alguns mezes a ir regularmente á officina, sem que ninguem desconfiasse da maneira por que empregava as horas de folga. Os seus companheiros de trabalho estavam tão pouco costumados a terem-n'o por companheiro de divertimento, que nenhum d'elles cuidava em indagar o motivo d'aquellas ausencias; seria provavel mesmo, que Frederico tivesse conseguido o seu fim sem despertar a attenção de pessoa alguma, se não fosse um caso, que occorreu meiado o inverno de 18... que mudou os seus projectos e deu-lhe nova direcção de vida.

Um dia, em que, segundo o seu costume, saíra para a officina depois de jantar, e já tinha começado a trabalhar, ouviu um ruido de passos, que o fez estremecer; porque, como estava alli sem auctorisação, preoccupava-o sempre o receio de ser sorprendido. Metteu-se precipitadamente atraz de uma banca, que já lhe tinha servido de refugio em identicas circunstancias. A mesa não lhe deixava ver nada do que se passava na officina; mas pelo ruido pareceu-lhe que tinham entrado muitas pessoas na casa. Ao principio não cuidou senão em esconder-se bem, de fórma que não dessem por elle; mas ao cabo de alguns minutos, as precauções que percebia tomarem, e as palavras que estavam cochichando em voz baixa, causavam-lhe inquietação.

— Fechaste bem a porta, dizia um?

— Vê se está alguem n'esse gabinete, dizia outra voz.

— Porque terão tanto medo de serem vistos, perguntava Frederico de si para si com susto. Havia o que quer que era que o advertia não ter sido por acaso, mas por vontade providencial, que estava sendo testimunha d'esta scena; não experimentára nunca na sua vida uma anciedade similhante.

Quando os recemchegados se julgavam ao abrigo de qualquer sopresa, tomou um d'elles a palavra, e em voz baixa, mas bem articulada, e que provava quanta importancia prendia a estas explicações, desenvolveu o projecto que tinha concebido.

Este projecto consistia nem mais nem menos do que em arrombar de noite as janellas do escriptorio do sr. Karlmam, e em roubar-lhe a caixa. Frederico reconheceu pelas explicações dadas, que os que estavam tramando a conspiração eram mesmo operarios da fabrica, e não póde deixar de ter um abalo de horror; mas pensando quanto era necessario conhecer todos os pormenores d'este caso, conservou-se mais quieto do que nunca.

Foram distribuidos os papeis.

— Um de nós, disse o que tinha delineado o plano, entra primeiro no escriptorio pelo vidro quebrado; vamos a ver, é preciso o mais magro. Ha de ser o Francisco.

A este nome Frederico sentiu um terrivel arrepio correr-lhe o corpo; quando porém ouviu a voz de seu irmão responder ás instrucções que lhe estavam dando, não póde reprimir um grito doloroso.

Houve um silencio repentino.

— De onde veiu este grito, perguntaram uns aos outros?

— Foi d'esta casa mesmo.

— Então está aqui gente.

As pesquisas não levaram muito tempo, e Frederico achou-se n'um instante na presença dos conspiradores. Interrogaram-n'o para saberem qual fôra o motivo por que se escondêra. Explicou-se em poucas palavras.

— Ouviste tudo quanto se acaba de dizer não é assim?

— Ouvi, respondeu Frederico.

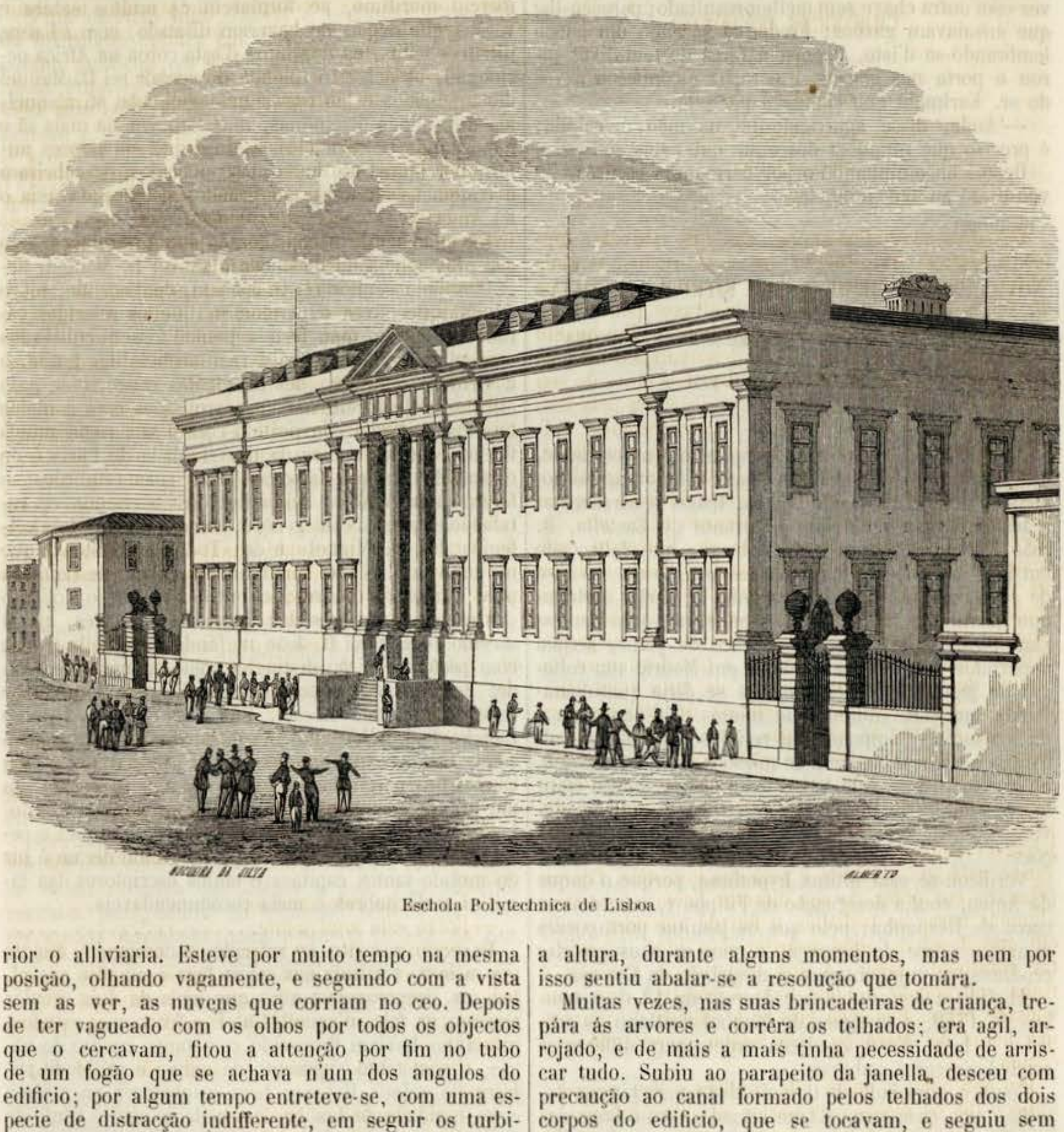
Suscitou-se então uma discussão entre os operarios para se saber o que haviam de fazer ao rapaz. Houve contra elle imprecações e ameaças, e chegaram mesmo a dizer, que o melhor era darem cabo d'elle; esta proposta, porém, que só tinha por fim assustar Frederico, deixou-o, se não socegado, ao menos resoluto. Finalmente combinou-se fechal-o, para se assegurarem de que não fallaria até ao dia seguinte. A difficuldade estava em encontrar sitio conveniente. Um dos operarios propoz um desvão de telhado, que elle occupava no estabelecimento; lembrou que estava lá para um canto da casa, que não servia para as offi-

cinas, e que tinha só uma janella que deitava para um pateosinho, onde ninguem ia nunca. Esta proposta foi acceita. Subiram por uma escada deserta, atravessaram por um longo e estreito corredor, e empurraram Frederico para o quarto fechando a porta com duas voltas de chave.

Nada póde pintar a dor que elle experimentou, quando depois de ter inspeccionado a sua prisão, adquiriu a certeza de não ter meio algum de se escapar.

Deixou-se cair n'uma cadeira, onde ficou por algum tempo n'um abatimento desesperado; depois levantando-se, entrou a correr o quarto com modos desvairados. Os pensamentos succediam-se-lhe rapidamente no espirito. Teria dado metade da sua vida para poder prevenir o sr. Karlmam do perigo que o ameaçava, e para desviar Francisco do crime que estava a ponto de praticar. Via o seu bemfeitor e o seu irmão perdendo-se um ao outro, sem os poder advertir ou salvar.

Passaram-se muitas horas para elle nas alternativas do abatimento e do desespero. Por fim atacou-o uma especie de febre de angustia. Apesar do frio rigoroso do inverno, sentiu a testa a escaldar-lhe, abriu a janella e foi-se-lhe encostar, esperando que o ar exte-



Eschola Polytechnica de Lisboa

rior o alliviaria. Esteve por muito tempo na mesma posição, olhando vagamente, e seguindo com a vista sem as ver, as nuvens que corriam no ceo. Depois de ter vagueado com os olhos por todos os objectos que o cercavam, fitou a attenção por fim no tubo de um fogão que se achava n'um dos angulos do edificio; por algum tempo entreteve-se, com uma especie de distracção indifferente, em seguir os turbilhões de fumo que saiam. Mas repentinamente estremeceu, inclinou-se para diante e olhou com anciedade; não podia já duvidar, o fumo saía do gabinete do sr. Karlmam.

Entrou precipitadamente para o quarto que lhe servia de prisão, e abençoando o habito que contraira de trazer sempre comsigo o necessario para escrever, fez um bilhete, no qual advertia summariamente o sr. Karlmam do que tinha descoberto, fazendo-lhe saber o logar onde estava fechado.

Apenas concluiu o bilhete aproximou-se de novo da janella. A casa era muito alta, Frederico mediu-lhe a altura, durante alguns momentos, mas nem por isso sentiu abalar-se a resolução que tomára.

Muitas vezes, nas suas brincadeiras de criança, trepára ás arvores e corrêra os telhados; era agil, arrojado, e de mais a mais tinha necessidade de arriscar tudo. Subiu ao parapeito da janella, desceu com precaução ao canal formado pelos telhados dos dois corpos do edificio, que se tocavam, e seguiu sem grande perigo por este caminho fóra até que chegou ao canudo do fogão que desejava alcançar. Para lhe tocar, era preciso subir uma parte do telhado, escorregadia e muito empinada, mas sempre o conseguiu. Depois de lhe tocar precisava ver se chamava a attenção das pessoas que estivessem trabalhando no gabinete do director da fabrica. Entrou a deitar para dentro do quarto bocadinhos de caliça: depois, quando lhe pareceu que já seria occasião, deixou cair o seu bilhete atado entre dois bocadinhos de telha para o livrar das chammas, e recolheu-se logo para o quarto.

Contava que o viriam livrar logo, porém correu muito

tempo, sem que pessoa alguma apparecesse. Já tinham dado cinco horas em todos os relogios da cidade; conservara-se sempre com o ouvido collado á porta, junto ao buraco da chave, mas não sentia nenhuns passos no corredor. A inquietação já entrava com elle fortemente. De que proviria similhante demora? Não lhe leriam o bilhete? Todas as angustias de que já estava alliviado acudiram-lhe de novo; mas quando era noite fechada cuidou distinguir o ruido de passos acautelados e ligeiros; uma chave girou devagarinho na fechadura. Foi um momento horrivel para o rapaz, pois que tanto podia ser um enviado do sr. Karlmam, como os operarios conspiradores; tiraram a chave sem que a porta se abrisse, tentaram segunda vez com outra chave sem melhor resultado; pareceu-lhe que ensaiavam gazúas; Frederico socegou um pouco lembrando-se d'isto. Depois, á força de tentativas girou a porta nos gonzos, e o rapaz reconheceu a voz do sr. Karlmam que chamava por elle.

— Anda, disse agarrando-lhe na mão, e caluda; é preciso que ninguem desconfie que estás solto.

Depois encaminhando-o por corredores escuros, levou-o até ao seu gabinete.

(Continúa)

NOVICIADO DOS JESUITAS NO SITIO DA COTOVIA,

COLLEGIO DOS NOBRES, ESCHOLA POLYTECHNICA

(Conclusão. Vid. pag. 244)

II

Aos doadores mencionados no artigo antecedente, que dispozeram de seus bens para a fundação do noviciado dos jesuitas em Lisboa, temos a acrescentar a testamentaria do duque almirante de Castella, D. João Thomaz Henriques de Cabrera, que fallecêndo em Portugal, declarou em seu testamento que no caso de succeder na coroa de Hespanha D. Carlos archiduque de Austria, todos os seus bens, nos quaes entravam 80:000$000 réis em padrões de juros, seriam applicados para edificar e dotar em Madrid um collegio de jesuitas, em cuja egreja se diria quotidianamente um certo numero de missas pela sua alma e de sua mulher; impondo aos religiosos do mesmo collegio a obrigação de irem ás missões da India e China. Se porém o duque de Anjou triumphasse de seu émulo, e subisse ao throno de Hespanha, o collegio deveria edificar-se em Lisboa, com as mesmas obrigações.

Verificou-se esta ultima hypothese, porque o duque de Anjou, com a designação de Filippe v, succedeu na coroa de Hespanha; pelo que os jesuitas portuguezes tomaram posse da herança, e com os seus grandes rendimentos augmentaram o noviciado da Cotovia.

Abolida a companhia por decreto de 13 de setembro de 1759, o marquez de Pombal destinou os edificios e bens d'esta opulenta ordem para differentes estabelecimentos publicos.

Como o noviciado da Cotovia tinha uma pingue dotação, uma casa vasta e bem situada, com o onus das missões imposto na herança do almirante de Castella, não lhe tocou o marquez para evitar reclamações, o que conseguiu estabelecendo alli um collegio para educação dos filhos dos nobres, com certo numero de capellães obrigados a irem servir nas egrejas do Oriente.

A carta de lei da fundação do «Collegio dos Nobres», tem a data de 7 de março de 1761; e o preambulo é digno de se ler, não só pela boa doutrina que o marquez de Pombal expende sobre a instrucção da mocidade, mas para se comparar a differença que ha entre os documentos officiaes d'aquelle tempo e os de hoje!

Para prova vamos transcrever parte d'esse preambulo ou relatorio.

«D. José etc. Faço saber a todos os que esta carta virem, que havendo eu considerado, que da boa e regular instrucção da mocidade é sempre tão dependente o bem espiritual e felicidade temporal dos estados; para a propagação da fé e augmento da egreja catholica; para o serviço dos soberanos e utilidade publica dos povos que vivem debaixo do seu governo: como n'estes reinos testificaram os gloriosos e fecundos progressos com que por effeito dos estudos e da companhia que o memoravel infante D. Henrique estabeleceu e fundou na villa de Sagres, e na cidade de Lagos, para na astronomia, geographia, navegação e commercio maritimo, se formarem os muitos sabios e varões que depois de haverem dilatado, com os seus illustres feitos, os dominios d'esta coroa na Africa occidental, os achou o reinado do senhor rei D. Manuel tão graduados e tão experimentados, não só n'aquellas utilissimas disciplinas, mas tambem na mais sã e mais sólida politica christã, com que em poucos annos, por mares até então desconhecidos, descobriram e conquistaram duas tão grandes porções da Asia e da America.

Havendo tambem considerado que a religião, o zelo e a providencia do mesmo senhor rei D. Manuel, seguidos pelo senhor rei D. João III, conhecendo, sobre aquellas decisivas experiencias, que os referidos estudos se fariam mais ferteis quando fossem cultivados em collegios, nos quaes a regularidade das horas, e a virtuosa emulação dos estudantes concorresse para elles se adiantarem nas suas profissões com a maior brevidade, foram convocando com a sua regia munificencia muitos sabios da universidade de Paris e de outras da Europa, famosas pelas suas erudições; e foram promovendo e erigindo tão recommendaveis estabelecimentos d'este genero, como foram os dois collegios de «S. Miguel» e de «Todos os Santos», que no anno de 1547 se fundaram na cidade de Coimbra para fidalgos e nobres; o outro sumptuoso collegio das escholas menores das linguas e das artes, que o mesmo senhor rei D. João III fundou n'aquella cidade com professores tão distinctos como os principaes André de Gouvêa, os dois irmãos Marçal e Antonio de Sousa; Edmundo Rosset, Vicente Fabricio, Antonio Caiado, Pedro Margalho, Ayres Barbosa, André de Rezende, Pedro Nunes, Diogo de Teive e outros, que com a instrucção da mocidade portugueza deram um tão grande credito á nação, e tão grande lustre á nobreza, como foi manifesto pelas heroicas acções e pelos solidos escriptos que n'aquelle seculo deram á luz do mundo tantos capitães e tantos escriptores das familias mais nobres e mais recommendaveis.

....

Havendo respeito ao referido, e desejando, quanto em mim é, restituir aos meus fieis e amados vassallos, as irreparaveis perdas que mais de dois seculos tiveram na falta d'aquelles uteis e fructuosos estudos, que antes haviam florescido com tanto credito da nação, e com tanto augmento da egreja e utilidade publica do reino: Hei por bem estabelecer na mesma corte e cidade de Lisboa, um collegio com o titulo de *Collegio real dos Nobres*, para n'elle se educarem 100 porcionistas, etc.

A este preambulo seguem-se os estatutos, divididos em 15 titulos.

N'elles se designam as disciplinas que se haviam de ensinar n'este collegio; a saber: Latim, grego, francez, inglez, italiano, rhetorica, poetica, logica, historia, mathematica, desenho, architectura militar e civil, physica, picaria, esgrima e dança.

Nenhum collegial podia ser admittido sem primeiro se qualificar com foro de moço fidalgo, pelo menos.

A porção ou pensão annual era de 120$000 réis, paga aos semestres.

Deviam usar de igualdade nos vestidos. Em casa a roupa talar chamada garnacha; e quando saíssem fóra, os primogenitos usariam de casaca de panno ou qualquer outro estofo que não fosse seda; e os filhos segundos usariam de vestidos chamados de abbatina, talares, ou de capa curta confórme as occasiões.

As conversações familiares seriam sempre em portuguez, francez, inglez ou italiano, confórme o genio ou applicação de cada um; não podendo nunca fallar latim, por ser o uso d'esta lingua morta mais proprio para os ensinar a barbarisar do que para lhes facilitar o conhecimento da mesma lingua.

N'um escripto mui notavel e profundo a respeito da instrucção publica em Portugal, que o sr. A. Herculano publicou em 1841, e tem por titulo: *Da Eschola Polytechnica e do Collegio dos Nobres*, se lê «que este collegio não satisfizera as miras do grande homem e grande despota que o instituíra; por quanto o proprio marquez de Pombal se vira obrigado em 1772 a reformar os estatutos d'aquella casa, por consulta da Mesa Censoria; e que tanto no preambulo do alvará que para isto foi passado, como nas disposições d'elle, se revela que alli reinava a desordem e o escandalo em tudo, na fazenda, nas lettras, na disciplina e nos costumes; isto quando o collegio tinha apenas onze annos de existencia».

Tal qual porém, subsistiu até 1834, em que por um decreto do regente, o duque de Bragança, se ordenou que passassem a ser admittidos tambem collegiaes plebeus; e que as aulas até então reservadas para os alumnos internos, se fizessem publicas, para as frequentar quem quizesse.

Finalmente, um decreto referendado por Manuel da Silva Passos, em 4 de janeiro de 1837 supprimiu o Collegio dos Nobres; e por outro decreto de 12 do dito mez foi doado o edificio e bens d'este instituto á Eschola Polytechnica, creada por decreto do dia antecedente.

Desde logo se estabeleceram as aulas da nova eschola n'este edificio, e ahi se conservaram até ao dia 22 de abril de 1843, em que um grande incendio unicamente deixou em pé as paredes de tão vasto e solido edificio.

O conselho da eschola tratou logo de construir um edificio proprio para o seu destino; mas com o nosso inveterado sestro de aproveitar o antigo, sem criterio nem verdadeira economia.

Serviram-se da parede da frontaria, derribando-lhe apenas o taboleiro que corria em toda a frente, como se vê na estampa que demos a pag. 245; devendo recual-a para dentro do espaçoso terreno da cerca do antigo noviciado, para evitar o bulicio da rua, que é uma das mais frequentadas por carruagens e cavalleiros.

A frontaria da nova eschola, qual a representa a gravura que fica a pag. 245, é deselegante, pesada, e de architectura inclassificavel. Tem 14^{m},82 de extensão, e de altura, até á beira da cimalha, 14^{m},56, com uma platibanda de 1^{m}. As columnas do pórtico são monolithas, tendo o fuste 13^{m},42. Eram as da egreja de S. Francisco, que estava por acabar.

O risco foi feito pelo antigo director da eschola, o sr. general J. F. da Silva e Costa, de accôrdo com o professor de desenho D. Luiz Muriel, que dirigiu as obras por algum tempo. Depois tomou conta d'ellas o sr. P. Pézarat, tambem professor de desenho d'esta eschola.

No interior tem egualmente muitos erros de construcção este grandioso edificio, alguns dos quaes vae corrigir o sr. visconde de Villa-maior

Com quanto alli estejam ha muito, em exercicio, todas as aulas, a maior parte d'ellas estão em apartamentos provisorios. O que já está concluido é o grande amphitheatro, o magnifico laboratorio de chimica; a aula de physica; o museu de zoologia; e o observatorio, já provido de custosos instrumentos modernos.

Para estas obras contraíu a eschola Polytechina um emprestimo de 100 contos de réis, auctorisado pela carta de lei de 1 de julho de 1857; além dos que já tinha gasto dos réditos da sua dotação. Tendo-se gasto esta somma, levantou já este anno outro emprestimo de 90 contos, com os quaes se julga ficará concluido este grande estabelecimento, comprehendendo o jardim botanico, que se ha de fazer na cerca, fechando-se depois o d'Ajuda.

Orça já por 168 contos a somma empregada em construcções, apparelhos, mobilia, etc.

USOS E TRAJOS DE BARROSO

(Vid. pag. 84)

O VIVER DA MULHER DE BARROSO

III

Além da classe agricola, que fórma a maioria da população d'este paiz, ha outra, tambem numerosa, de pobres chamados *cabaneiros*, pela razão de não possuirem gados, mas sómente uma pequena casa, que, com uma horta (e esta nem sempre), algum bacoro, e poucas gallinhas, constituem todo o seu havêr. O maior numero d'estas familias consta só de mulheres, que de verão vivem ajudando os lavradores, e de inverno soccorrem-se á caridade d'elles, porque em geral é esta gente compassiva e beneficiente. Alguma coisa ganham tambem pela fiação e costura; mas como de ordinario as lavradoras fazem d'este trabalho o que lhes é mister para suas casas, escasso recurso tiram aquellas pobres de similhantes obras. Na epocha da ceifa dos centeios muitas descem para o concelho de Chaves e povoações limitrophes, e o mesmo fazem no tempo das vindimas. Muitas d'estas mulheres pobres assoldadam-se por criadas de servir.

Ha uma pequena industria em Barroso de que algumas tiram seu interesse na falta de melhores recursos; dos juncos que espontaneamente nascem nos logares pantanosos, por sua natureza incapazes de outras producções, colhem grande porção pelo mez de agosto e principios de setembro, quando a sua florescencia está madura e apresenta a côr de café moido; segam-nos, e recolhendo-os em fresco os maçam esfregando, e os pôem a seccar ao sol em *madas*, ou pequenos molhos, tendo cuidado de os livrar do orvalho para conservarem a côr alvadia, e assim preparado fazem d'elle as *corocas*, que é uma especie de cobertura ou casacão, que cobre todo o outro fato, e não deixa penetrar a chuva, que escorre dos juncos macerados; umas são proprias para mulheres e rapazes, quasi de formato das *capuchas*, porém mais compridas; as que os homens usam, similham uns capotes acompanhados de um capuz da mesma natureza, que resguarda a cabeça, formando as duas peças um todo uniforme. Como esta materia prima é de nenhum custo, porque os juncos apanham-se em maninhos, ou os proprietarios os cedem quasi sempre de graça, e por outro lado o artefacto é de pouco engenho, lucram ellas alguma coisa, vendendo as primeiras a 140 e 150 réis, e as segundas a 300 e 400 réis.

A cultura do linho, que produz bem em Barroso, podia ser mais extensa e aperfeiçoada; o lucro que dá vendido em rama regulando actualmente a 300 réis o kilogramma, faz que muitas mulheres, donas de casa, deixem de fabricar tanto quanto se faz necessario para o aceio e necessidades de suas familias; d'ahi

o desalinho e pobreza de roupas que se nota em muitas casas de diversas aldeias. Ha, não obstante, entre as lavradoras muitas que timbram em terem muita *limpeza* (é assim que ellas chamam a um bom enxoval de roupas de linho, etc). Todo o processo corre por conta d'ellas, menos a sementeira do linho; preparam-n'o, fiam-n'o, tecem-n'o e o apresentam em obra para uso de suas familias, e algum vendem tambem, regulando o metro de 240 a 260 réis: ha muitos teares particulares, em que se occupam mulheres das mesmas familias, havendo tambem tecedeiras que trabalham para fóra; no branqueamento do linho precisa-se em algumas povoações de mais desvelo e cuidado; na tecelagem de toalhas e colchas apparecem já bons gostos, como vimos em umas trabalhadas em Santa Maria de Covas e outras partes.

As mulheres ajudam muito em Barroso os serviços externos da lavoira; e além do pastoreamento dos gados, a que chamam *fazenda miuda*, occupam-se nas mondas dos linhos e dos poucos trigos; regas e sachas dos milhos, batatas, e ceifa de centeios. O córte dos fenos, lenhas e estrumes é trabalho exclusivo dos homens. Um serviço em que as donas de casa tem especial cuidado, é na ceva do gado suino, e na direcção da salga das carnes, as quaes pela sua boa qualidade, abundancia, e acertado tratamento fazem um dos melhores e mais sortidos alimentos d'estes povos, sendo os bons presuntos de Barroso mui estimados mesmo fóra da comarca. A mulher, devota em toda a parte, gosta em Barroso, quando é nova, das romarias proximas ou remotas da habitação: no canto divino e profano as do Minho levam-lhes preferencia; são poucas as que dançam nas aldeias, e vão admittindo n'este divertimento uma moda que, apesar de gallega, é na verdade mais honesta e decente que outra usada em diversas partes de Portugal.

(Continúa) X. X.

PEDRO MASCARENHAS

«Antonio da Silveira chamou pelo meirinho da galé, que logo veiu com um grosso grilhão, e assentando-se o governador lh'o deitou. Pero Mascarenhas, alevantando as mãos e olhos com lagrimas disse: «Senhor! mais mereço por meus peccados com que a ti só tenho offendido». O meirinho com turvação tremiam-lhe as mãos».

GASPAR CORRÊA — *Lendas da India.*

Não ha em toda a historia da conquista da India portugueza, dissensão mais vergonhosa que a que houve entre Lopo Vaz de Sampaio e Pedro Mascarenhas, sobre qual devia ser obedecido por legitimo governador da India.

Tinhamos já as narrativas d'esta escandalosa pendencia feitas por João de Barros e Diogo do Couto nas suas *Decadas;* Fernão Lopes de Castanheda na *Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portuguezes;* Francisco de Andrade na *Chronica*, e Fr. Luiz de Sousa nos *Annaes del-rei D. João* III, etc. Mas nenhuma d'ellas tão cabal e ingenua como a que nos faz Gaspar Corrêa nas *Lendas da India*, precioso inédito que a academia real das sciencias de Lisboa está dando á estampa. Para que nada falte a esta triste historia, Gaspar Corrêa até desenhou Pedro Mascarenhas mettido em ferros.

Summariemos as causas que motivaram esta dissensão.



Pedro Mascarenhas, governador da India, mettido em ferros — *fac-simile* do de 1563 tirado das *Lendas* de Gaspar Corrêa.

Fallecendo em Cananor, no anno de 1526 o setimo governador da India, D. Henrique de Menezes, o vedor da fazenda Affonso Mexia procedeu com as solemnidades do estilo á abertura da carta da segunda successão que levára D. Vasco da Gama, e n'ella vinha nomeado governador Pedro Mascarenhas, que era capitão de Malaca. O vedor da fazenda, inimigo capital de Mascarenhas, e que tinha escripto *muitos males* d'elle a el-rei (diz Gaspar Corrêa), temendo que o castigasse sendo governador, entrou com os da sua valia a dizer que Mascarenhas só podia vir para a India na monção do anno seguinte; que era perigoso estar aquella conquista sem governador tanto tempo; pelo que se devia abrir a terceira successão, e o que n'ella viesse provido tomar posse da governança, para a entregar a Pedro Mascarenhas logo que elle chegasse de Malaca. Sobre este capcioso alvitre se levantaram sérias altercações, dividindo-se os fidalgos em dois bandos. Mas a final triumphou a proposta do vedor Affonso Mexia; e procedendo-se á abertura da terceira provisão, vinha nomeado Lopo Vaz de Sampaio, que se achava presente; e logo prestou juramento, com a clausula de entregar o governo a Pedro Mascarenhas, tanto que elle chegasse.

No entretanto, Affonso Mexia, que era da criação e feitura do conde de Portalegre, mordomo-mór de D. João III, escreveu-lhe coisas tão desfavoraveis a Pedro Mascarenhas, que o conde alcançou do rei a revogação das successões que estavam na India, e enviou ao proprio vedor outras, em que vinha em primeiro logar Lopo Vaz.

Aconteceu chegarem estas successões á India antes de Pedro Mascarenhas ir tomar posse do governo, por se haver demorado no cerco de Bintão. Logo que Lopo Vaz recebeu a nova provisão del-rei, apossou-se definitivamente da governança da India, e assim o participou a Pedro Mascarenhas, avisando-o de que se quizesse vir a Cananor ou qualquer outra praça como simples capitão, seria mui bem recebido, mas como governador lhe mandaria impedir o desembarque.

Mascarenhas protestou logo contra a usurpação que se lhe fazia, porque estava jurado por successor de D. Henrique de Menezes, e o vedor não tinha auctoridade para abrir a terceira successão, sem elle Mascarenhas fallecer. D'isto mandou lavrar auto.

Quanto ás novas successões, dizia-se que era falso o alvará da nomeação de Lopo Vaz, e que o fizera um homem que havia na India chamado Nuno Redondo, que sabia falsar signaes; o qual, depois que se suscitaram as differenças, dizia a quem o queria ouvir: *Se Lopo Vaz é governador a mim o agradeça.*

(Continúa)

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.